

O ensino da língua materna sob a perspectiva docente: a diglossia na escola

Maria Lúcia Souza Castro (UNEB)

RESUMO: Neste trabalho, destacam-se manifestações discursivas reveladoras da imagem que os professores têm da língua falada pelos brasileiros e da norma que a escola pretende ensinar. Os discursos analisados evidenciam a imagem de língua materna em sua relação com a identidade do sujeito falante e se inserem em uma formação discursiva que caracteriza uma ideologia nacionalista, defensora do culto e do tratamento cuidadoso desse bem comum. Os professores entrevistados classificam os conhecimentos linguísticos dos alunos como insuficientes para a assimilação dos conteúdos determinados pela escola, o que prejudica o aproveitamento em outras disciplinas. Para estes, a escola não tem oferecido os conhecimentos necessários à formação dos alunos, sobretudo, à aprendizagem da norma culta.

Palavras-chave: Língua materna; diversidade linguística; diglossia.

RESUMEN: *En este trabajo, se destacan manifestaciones discursivas que revelan la imagen que los maestros tienen de la lengua hablada por los brasileños y de la norma que la escuela pretende enseñar. Los discursos analizados revelan la imagen de la lengua materna en su relación con la identidad del sujeto hablante y se integran en una formación discursiva que caracteriza a una ideología nacionalista, defensor del culto y del tratamiento cuidadoso de este bien común. Profesores encuestados afirmaron que los conocimientos lingüísticos de los alumnos es insuficiente para asimilar los contenidos determinados por la escuela, lo que dificulta el desempeño en otras disciplinas. Para ellos, la escuela no ha ofrecido los conocimientos necesarios para la formación de los estudiantes, especialmente el aprendizaje de la norma culta.*

Palabras-llave: *Lengua materna; diversidad lingüística; diglosia.*

Introdução

Quando dizemos que em uma sociedade se fala uma língua, significa que os indivíduos que a compõem adquiriram um mesmo “sistema linguístico”, que corresponde ao que Saussure chamou de *langue* e que é a língua “comum a todos os membros de uma comunidade linguística determinada” (LYONS, 1982, p. 23).

Este sistema linguístico, ainda segundo Lyons (1982, p. 23), “em determinadas ocasiões é atualizado no comportamento linguístico”. Temos, então, conceitos que remetem àqueles de língua e fala, cunhados por Saussure. Os falantes de uma comunidade têm um conhecimento linguístico comum (língua), que oferece variações condicionadas

por fatores internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos); essas variações constituem os diferentes falares.

Câmara Jr. (1992, pp. 158-159) define “língua comum” como aquela que “abrange todos os falares na base de um sistema de oposições linguísticas fundamentais” e a apresenta como sinônimo de “língua nacional, isto é, comum a toda uma nação”. Sobre língua nacional, Câmara Jr. ressalta:

A língua nacional nem sempre corresponde ao conceito estrito de nação, como Estado politicamente constituído e soberano. Num desses Estados pode vigorar mais de uma língua nacional (ex.: na Suíça), e uma língua comum pode vigorar em mais de um Estado (ex.: o português em Portugal e no Brasil).

A referência a uma língua nacional implica, necessariamente, referir-se também ao conceito de língua oficial. O discurso das elites dos estados nacionais aceita com bons olhos e até promove a suposta autodeterminação linguística de um povo. Veja-se, por exemplo, por parte do Estado brasileiro o apoio a projetos que visam à preservação das línguas indígenas e à alfabetização das crianças de diversas tribos na sua própria língua materna. A aceitação da autodeterminação das línguas, porém, se dá na medida em que, dentro do Estado Nacional, fique uma só língua que o simbolize: a língua oficial.

Em um país onde existe apenas uma língua nacional, esta, na sua variedade tida como culta, é igualmente adotada para ser utilizada em documentos oficiais e deve, necessariamente, ser ensinada nas escolas. Já em países como o Brasil, onde existem várias línguas nacionais, apenas uma tem esse estatuto. A relação de dominação entre a elite governante e o povo determina a escolha. Por isso, desde o século XVIII, a língua oficial no Brasil é a língua portuguesa, a língua do colonizador. Podemos afirmar, então, que a língua nacional está para a nação como a língua oficial está para o Estado.

Quando se fala em nação brasileira, geralmente se excluem as nações indígenas e, no Brasil, enquanto nação e Estado, a língua portuguesa é a língua materna e a língua oficial. E como não pretendemos discutir questões relacionadas às nações e línguas indígenas, a língua materna, a “língua comum” que nos interessa é a língua portuguesa, na sua variedade brasileira.

Às diferentes possibilidades que a língua portuguesa nos oferece chamaremos **língua materna** ou **norma vernácula**, a norma adquirida naturalmente no meio sócio-histórico-cultural em que se inserem seus falantes e que variará conforme variem as condições de sua aquisição.

As manifestações discursivas aqui destacadas nos revelam a imagem que os professores têm da língua falada pelos brasileiros e da norma que a escola pretende ensinar. Os dados considerados foram coletados em 2004 e 2005, em escolas públicas de Salvador e Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil, e os docentes estão identificados conforme a disciplina que lecionam. Assim, temos: *Port.-Língua Portuguesa, Mat.-Matemática, Fran.-Francês, Geo.-Geografia, Hist.-História, Psico.- Psicologia*. Os que atuam em escolas de Salvador têm na sua identificação a sigla SSA e os atuantes em Santo Antônio de Jesus, a sigla SAJ.

Conceito de língua materna: identidade nacional e personalidade

As manifestações discursivas analisadas indicam diferentes pontos de vista sobre o conceito de língua materna: um deles relacionado a um processo mais particular de aquisição da língua; o outro, a um conhecimento comum, coletivo.

Os professores de Língua Portuguesa apontam a língua materna como sinônimo de norma vernácula, adquirida no meio sociocultural do qual fazem parte os seus falantes, destacando-se nesse meio a instituição familiar. Vejamos alguns fragmentos discursivos:

- (01) [...] *mas a língua mãe é aquela que o estudante ou que o indivíduo aprende dentro da sua... do seu núcleo familiar, logo na sua infância, depois com os coleguinhas ele vai compreendendo, vai assimilando novos termos e expressões coloquiais, expressões comuns na faixa etária dele e depois, quando ele se forma adulto, ele incorpora outros... outras expressões da própria sociedade em que ele se encaixa. Então é isso que eu acho que é a língua mãe: a linguagem em que ele se exprime e que ele também compreende, dentro do seu meio, do seu habitat natural.* (Port3-SSA, l. 26-32)
- (02) *E o português da oralidade é aquela coisa fácil, que flui, ele... Ninguém ensinou “me dê água”, mas um dia ele disse: “Me dê água.” Então isso aí é quase que... ele repete aquilo que, que, de acordo com o seu desenvolvimento ele vai, ele consegue se comunicar.* (Port5-SSA, l. 52-55)

Observe-se que, em (01), o professor destaca o processo de aprendizagem da língua materna no interior da família como passível de ampliação no contato com outros membros da comunidade, o que denota o caráter continuado da aprendizagem linguística. E, em (02), Port5 chama a atenção para o fato de a língua materna ser a norma da oralidade, *é aquela coisa fácil, que flui*. Implicitamente, o professor diz ser a modalidade escrita outra norma, não tão “fácil”, “fluida” como a modalidade oral da língua.

O discurso dominante na escola ressalta o caráter nacional da língua, relacionando-a à pátria ou à região onde vivem seus falantes. Os enunciados a seguir ilustram esta imagem da língua:

- (03) *A língua materna que..., a nossa origem mesmo, a ... porque nós falamos, como nós nos colocamos eh... no nosso dia-a-dia, né? É aquela língua que a gente pode dizer a língua pátria, né?* (Port7-SSA, l. 30-32)
- (04) *Então, se você tem uma determinada região do país, você tem algumas variações linguística, você tem determinadas regiões, vamos supor, eh, a zona rural que tem a sua linguagem própria [...] aquela língua tem toda uma cultura junto com ela.* (Port1-SAJ, l. 105-11)

Além de relacionar língua materna à pátria, em (03), Port7 também se refere ao fato de a língua materna ser aquela *como nós nos colocamos eh... no nosso dia-a-dia*, o que nos permite inferir que existe uma “outra língua”, uma outra norma para ser utilizada em ocasiões não rotineiras. Esta outra norma, dita culta, conforme define Câmara Jr (1992, p. 158),

Superpõe-se à língua cotidiana, e dela se distingue principalmente – a) pela maior nitidez e constância na fonação, b) pela maior coerência e fixidez nas formas gramaticais, c) pela maior riqueza e sutileza do léxico. É na base da língua culta que se constitui a língua escrita, cuja mais alta expressão é a modalidade empregada na literatura e chamada LÍNGUA LITERÁRIA. A língua cotidiana, por sua vez, apresenta gradações, que vão até à língua popular, caracterizada pelos vulgarismos e até à gíria.

Refletindo sobre língua e identidade, Mey (1998, pp. 76-77) ressalta que “A língua não é somente a expressão da ‘alma’ ou do ‘íntimo’, ou do que quer que seja, do indivíduo; é, acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa como se seus membros fossem a sua boca.”. Assim sendo, diferenças linguísticas regionais e/ou individuais à parte, a variedade do português brasileiro é, portanto, a maneira como a sociedade, a nação brasileira se expressa, é a nossa língua nacional.

Mey (1998, p. 77) afirma ainda que “O contexto que torna a língua possível é também o contexto que permite ao indivíduo ser ele mesmo, e usar sua língua de acordo com seus desejos pessoais.”. Devemos considerar que a expressão dos “desejos pessoais” dos sujeitos falantes está restrita aos conhecimentos linguísticos que estes possuem. Se “o contexto que permite ao indivíduo ser ele mesmo” não lhe oferece o acesso aos variados tipos de registros que caracterizam sua língua, a expressão dos seus desejos se restringirá sempre e apenas aos recursos que a sua norma vernácula lhe disponibiliza.

Os discursos dos professores de outras disciplinas, além de relacionarem a língua materna à pátria, evidenciam questões outras que dizem respeito à valorização da língua nacional, como se observa nos recortes discursivos em destaque:

- (05) *Olha, falando em termos práticos, mesmo que seja a língua portuguesa, mas tem a língua falada no Brasil, é a língua pátria, é língua que se fala nessa pátria.* (Fran-SSA, l. 33-34)
- (06) *Eu entendo que língua materna é a nossa própria língua, nossa língua portuguesa, nossa língua mesmo e que, infelizmente, como a gente já fez essa crítica toda, ela está sendo desprezada.* (Psico-SSA, l. 182-184)
- (07) *É a nossa língua. Que é que eu entendo por língua materna... Entendo por língua materna é a sua língua prioritária. As outras são importantes? São. Outros idiomas? São. Mas acho que você falar o inglês, o espanhol... primeiro você tem que dominar a sua língua. Hoje em dia você está tendo uma inversão de ensino, valoriza mais o inglês do que o português.* (Mat-SSA, l. 223-227)
- (08) *Então, eu sempre falo para eles que é necessário, eh, trabalharmos essa língua que a gente adquiriu para a gente fazer melhor uso dela, melhor uso possível, porque a língua também representa uma série de coisas importantes para a vida da gente, né?, e ela, ela, através dela a gente consegue muitas realizações, a gente adquire muitas conquistas, isso traz poder também, então é importante a gente dominar essa língua.* (Hist.5-SAJ, l. 137-141)

Em (05), fica claro que a nossa língua materna é a variedade do português falada pelo povo brasileiro. O professor esclarece que, *mesmo que seja a língua portuguesa, mas tem a língua falada no Brasil, é a língua pátria, é língua... onde se fala nessa pátria*. Essa relação língua *versus* povo denota uma visão de língua como a do uso linguístico comum a um povo que constitui uma nação, o que elimina as características linguísticas mais individuais – como as adquiridas no meio familiar –, e valoriza as que constituem o uso coletivo, sejam elas nacionais ou regionais.

No seu discurso, Psico (06) chama a atenção para a necessidade de valorização da língua materna, pois *ela está sendo desprezada*. Esta afirmação do professor se refere ao tratamento que a escola vem dando ao ensino de língua portuguesa e que não tem oportunizado uma aprendizagem eficiente.

Já em (07), o discurso do professor diz respeito à hegemonia de uma língua e destaca a importância que a língua inglesa vem assumindo no mundo globalizado: *Hoje em dia você está tendo uma inversão de ensino, valoriza mais o inglês do que o português*. Este fenômeno leva muitos estudantes a se interessarem mais pelo aprendizado de uma língua estrangeira do que pelo de sua língua materna, pressionados que estão pelas exigências do mercado de trabalho

Os discursos que circulam na escola evidenciam uma imagem de língua materna em sua relação com a identidade do sujeito falante, seja no que diz respeito à identidade nacional, a um sujeito que constitui uma nação, seja no que se refere a sua identidade pessoal, à sua personalidade. A língua é, ao mesmo tempo, propriedade individual e coletiva. Sobre esta questão, Mey (1998a, p. 77) afirma:

Embora seja a sociedade que forje a conexão entre as pessoas e a sua língua, criando assim a ‘identidade’ dos indivíduos, tendemos a idealizar a nossa identidade pessoal, a nossa ‘individualidade’ e a sua marca de autenticidade, a nossa fala ‘pessoal’, como tendo qualidades independentes, o que lembra a ‘personalidade’, aquele outro conceito igualmente mal definido.

Esta afirmativa de Mey corrobora o dizer dos sujeitos que constituem a instituição escolar, que vêem a língua materna como o elo que une os seus falantes, sem, no entanto, abrirem mão das características linguísticas que definem suas individualidades, que marcam a personalidade de cada um dos sujeitos que compartilham um conhecimento linguístico tão igual quanto diferente. Como complementa Mey (1998a, p. 77), “O usuário quer que a língua seja, ao mesmo tempo, a expressão de valores independentes e uma expressão individual e pessoal do seu *self*.”. A “língua comum”, a língua nacional, portanto, é o elemento aglutinador de diferentes personalidades e de diferentes falares que se unem em uma só identidade: a identidade nacional.

Os discursos analisados se inserem em uma formação discursiva que caracteriza uma ideologia nacionalista, defensora do culto e do tratamento cuidadoso desse bem comum – a língua –, como explicita Port1, em (09):

- (09) *Língua materna é o seguinte: a gente já nasce..., do berço, a gente já nasce falando essa língua. Então ela tem que ser tratada com muito carinho e com muita responsabilidade, porque é a língua nossa, que a gente adotou nessa vida pra falar essa língua. Mesmo que venha a aprender outras, mas as outras a gente não vai ter esse compromisso, a responsabilidade que a gente vai ter com a nossa mesmo. Então... (inint.)... ela é o começo de tudo, a gente nasceu fal..., nasceu falando essa língua, então... E vai morrer falando essa língua, então a gente tem que saber dominá-la e tratá-la muito bem. (Port1-SSA, l. 19-25)*

Compreendendo a língua materna como a língua nacional, que reúne igualdades e diferenças, os sujeitos que constituem a escola avaliam a importância da disciplina língua portuguesa e nos apresentam seus pontos de vista sobre esta questão, como se observa a seguir.

O ensino de língua materna: norma culta e aquisição de conhecimentos

Para os sujeitos envolvidos na pesquisa, a importância da disciplina Língua Portuguesa é inegável. Esta é vista como essencial, indispensável, a mais importante entre todas. Seus discursos nos revelam que a sua importância se relaciona, em alguns casos, ao interesse pessoal dos envolvidos, que destacam determinado aspecto utilitário da disciplina – ou da língua – em detrimento de outros.

Os professores entrevistados relacionam a importância da disciplina ao ato comunicativo e à aquisição de informações e conhecimentos, como se evidencia nos enunciados abaixo:

- (10) *A base, né?, de todo indivíduo saber sua própria língua para, futuramente, conseguir habilidade em outras matérias. (Port2-SSA, l. 9-10)*
- (11) *[...] os alunos, na maioria das vezes, acham que a língua portuguesa é algo distinto, algo separado das outras coisas. No entanto, a gente sabe que, em qualquer disciplina, em qualquer área, é necessário o conhecimento da língua portuguesa para expressar, seja Matemática, História, Geografia, Biologia. Se não, como que vão interpretar, como que vão entender os conhecimentos de determinadas áreas? (Port4-SSA, l. 11-16)*
- (12) *Eu penso que a língua portuguesa ela é básica, né? É o ponto de onde a gente parte para qualquer outra, outra disciplina. Porque a língua portuguesa, ela é quem nos leva, não é isso?, a entender, a interpretar, não é isso? a, a, é... o conhecimento de qualquer uma outra matéria. (Port8-SSA, l. 12-15)*
- (13) *A língua portuguesa é a base para todo o conhecimento do indivíduo, portanto, é a base para qualquer outra disciplina. (Psico-SSA, l. 5-6)*
- (14) *[...] sem o domínio da língua, como professora E. acabou de falar e eu frisei, sem o domínio da língua torna-se eh... também difícil o acesso deles, ao mundo, à informação, da ciência, da arte e até da Filosofia, que é uma disciplina peculiar, né?, exige certo domínio pra que adentrem... (inint.) (Fil-SSA, l. 110-113)*
- (15) *Olha, é importante a... a... o estudo da língua portuguesa, principalmente em Matemática, porque na medida em que eles sabem interpretar, fica muito mais fácil identificar, como ele vai receber o problema, né? como decodificar cada assunto em Matemática. Porque a, na Matemática tem uma linguagem especial, né? Assim como na Física, como a Química... (inint.)... e o aluno precisa interpretar isso. E com a ajuda da língua portuguesa isso facilita muito mais o aprendizado dele. Não só na escola, mas pra vida toda. (Mat-SSA, l. 6-11)*
- (16) *Olha, vou falar na questão da leitura, a questão interpretativa. Se ele fala vem, né, se ele lê, porque eu sempre converso com eles para criarem o hábito de ler, porque a leitura é tudo na nossa vida, porque se eles lêem, eles sabem escrever, então se eles lêem, eles tem uma visão de mundo, tem amplitude de pensamento, eles sabem se desembaraçar de qualquer situação. (Port2-SAJ, l. 254-258)*

Essas diversas vozes ecoam em uníssono: a aprendizagem, a ampliação do conhecimento, o desenvolvimento de habilidades diversas, em suma, o acesso à informação em qualquer área depende do conhecimento linguístico que o sujeito possui; e seu conhecimento linguístico, por sua vez, se ampliará à medida que novos conhecimentos sejam adquiridos.

Para Ducrot (1987, pp. 9-10), as relações entre os sujeitos envolvidos num ato de fala não se reduzem à troca de conhecimentos; diversas são as relações que a língua oferece aos indivíduos envolvidos em um processo interlocutório. A língua “perde sua inocência”, pois não é apenas “o lugar onde os indivíduos se encontram; ela impõe também, a esse encontro, formas bem determinadas. Não é mais somente uma condição de vida social, mas um modo de vida social.”. Os discursos em evidência, porém, consideram a língua apenas como um instrumento veiculador de informações, que devem ser digeridas conforme estabelecido nos programas da escola. Contudo, dois professores ressaltam a importância da disciplina não só na escola, mas pra vida toda – (15),(16) –, indo ao encontro do que discute Ducrot sobre o fato de a língua não ser “somente uma condição de vida social, mas um modo de vida social”. É a importância do conhecimento linguístico na interação cotidiana dos sujeitos históricos e sociais que está em jogo e não apenas a assimilação de conhecimentos, que as instituições sociais determinam como suficientes para a formação dos estudantes.

As manifestações discursivas, em análise, materializam as vozes que classificam os conhecimentos linguísticos dos alunos como insuficientes para a assimilação dos conteúdos determinados pela escola, o que promove consequências desastrosas no processo de ensino-aprendizagem de modo geral. Essas consequências se refletem no aproveitamento em outras disciplinas: não conhecendo as várias possibilidades de expressão de sua própria língua, os alunos não conseguem apreender ou mostrar que apreenderam os conhecimentos veiculados em sala de aula. Os efeitos de sentido que estes discursos evidenciam nos mostram que, como resalta Orlandi (1990, p. 96), “o problema da relação do sujeito com o saber [está] ligado ao problema do domínio da língua”. Os enunciados a seguir evidenciam essa visão dos professores:

- (17) *Assim, né? Não sabe identificar os dados. Nós damos, damos uma questão e ele não sabe identificar alguns casos, né? Tem dados que a gente fala: olhe, isso aqui, desse jeito. Bota no quadro, tudo direitinho, mas na hora mesmo, na prática, que nós vamos ver, tá feio. (Mat-SSA, l. 17-19)*
- (18) *Por exemplo, Matemática, se você não sabe ler, não sabe interpretar, você também não vai saber resolver aquelas questões. Não é isso? Por quê? O Português é o quê? É a mãe! Ela é a base mesmo. (Port8-SSA, l. 15-18)*

Para Port1-SSA, a importância da disciplina está relacionada à possibilidade de adquirir o “domínio completo da língua” e ao “saber falar”, sendo esta uma obrigação de todo brasileiro. O discurso nacionalista, o sentimento de brasilidade se faz presente em sua voz, como podemos verificar em (19):

- (19) *É fundamental, a língua é fundamental. A nossa língua mãe. Sendo brasileiro, falando a língua, a gente tem que saber falar, dominar de uma forma bem completa, porque senão não tem sentido se você for brasileiro e não saber falar a língua portuguesa. Então é extremamente importante.* (Port1-SSA, l. 5-8)

Assim também para Port1-SAJ, em (20), que ressalta o estado de “incompletude” do indivíduo caso este não tenha amplo conhecimento da sua língua materna:

- (20) *É, eu acho fundamental, primeiro porque, eh, é a língua oficial do país, é a língua que nós falamos e, por conta disso, é necessário que se tenha um embasamento, a pessoa que não conhece a sua própria língua certamente é uma pessoa incompleta [...].* (Port1-SAJ, l. 14-16)

Os discursos em destaque indicam uma visão única de língua: instrumento de comunicação e de interação dos indivíduos com o mundo em que vivem. Para resumir todas as respostas neste único conceito, é preciso considerar que os informantes, exceção feita aos professores de português, não possuem conhecimentos teóricos que lhes permitam, por exemplo, diferenciar comunicação de interação. As suas declarações, porém, permitem inferir essa percepção única para todos eles. Daí a importância da disciplina Língua Portuguesa nas escolas: oportunidade de os falantes ampliarem o domínio da língua para interagirem de maneira competente na sociedade em que vivem, adquirindo e produzindo conhecimento.

Também consideram que a disciplina Língua Portuguesa se faz importante para oportunizar o acesso à norma culta por parte dos alunos que não a adquiriram naturalmente, como também o acesso ao conhecimento que nela é produzido. Se os estudantes não têm um bom desempenho nesta norma, as oportunidades para apreenderem informações, para “formarem suas personalidades” e se “fortalecerem culturalmente” serão diferenciadas – como realmente o são –, variando conforme o nível de conhecimento que dela possuem.

Genouvrier & Peytard (1985, p. 219) destacam a “posição muito especial” ocupada pelo ensino de língua materna no âmbito das demais disciplinas oferecidas nos currículos escolares. A cada disciplina cursada, os estudantes se deparam com novos conhecimentos, que lhes exigem “um longo e paciente aprendizado”. Como evidenciado nos fragmentos discursivos analisados, as dificuldades dos alunos na aprendizagem das diversas disciplinas oferecidas se relacionam, sobretudo, ao desempenho linguístico considerado deficiente, à propalada incapacidade para interpretar as informações que recebem e ao desconhecimento do vocabulário específico de cada área de estudo.

As vozes que ouvimos na escola deixam evidente que a norma adquirida no meio familiar não é bastante para os alunos das classes desprivilegiadas apreenderem o conhecimento produzido na sociedade em que vivem e do qual a escola é um dos principais veiculadores. Cabe à escola, portanto, oferecer os conhecimentos necessários à formação dos alunos, oportunizando, primeiramente, ou cumulativamente, a assimilação dessa norma específica, a norma culta, que, segundo Câmara Jr. (1992, p. 158), “serve para as comunicações mais elaboradas da vida social e para as atividades superiores do espírito”.

A afirmação do autor permite inferir que as normas faladas pelos alunos menos afortunados apenas lhes dão condições para desenvolverem atividades “inferiores” do espírito, não lhes permitindo participar de forma competente de situações interativas que exijam construções linguísticas mais elaboradas. Embora não estejamos de acordo com esta hierarquia que distingue atividades superiores e inferiores do espírito no que se refere aos usos linguísticos, acreditamos que esta afirmativa objetiva uma crítica construtiva em direção à necessidade de se oportunizar o acesso de todos à norma culta. É função da escola despertar nos alunos a consciência de que nenhum indivíduo deve restringir-se ao uso de uma única norma, uma vez que diferentes situações implicam diferentes normas.

Contudo, sabemos que a escola não tem cumprido essa função. Observamos a continuidade do ensino de Língua Portuguesa centrado na gramática tradicional, impondo-se o tratamento de uma norma linguística distanciada da realidade brasileira e desconsiderando-se as normas vernáculas dos estudantes, o que tem como consequência o baixo desempenho escolar.

Referências Bibliográficas

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Rev. da Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. **Linguística e ensino do português**. Tradução de Rodolfo Ilari. Coimbra: Almedina, 1985.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Tradução de Marilda Winkler Averbug. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MEY, Jacob L.. Etnia, identidade e língua. In: Signorini Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. São Paulo: Mercado de Letras; Fapesp, 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez, 1990.

Maria Lúcia Souza Castro possui mestrado em Letras e Lingüística pela Universidade Federal da Bahia (1996) e doutorado em Lingüística Teórica e Aplicada pela Universidade Federal da Bahia (2003). É professora titular da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de português, análise de discurso, semântica, sociolinguística e dialectologia. Coordena o Grupo de Pesquisa "Múltiplas linguagens: estudo, ensino e formação docente", inscrito no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq desde 2003 (malucao@ig.com.br).